



8

Aspectos da incidência da convergência no telejornalismo: análise de fragmentos de casos do contexto brasileiro

Aspects of incidence of convergence telejournalism: analysis of fragments of context instances Brazilian

Eloisa Joseane da Cunha Klein¹

RESUMO Neste texto tecemos considerações sobre afetações da midiatização no campo do jornalismo no contexto da convergência digital, considerando-se alterações na produção da notícia, mudança na relação dos atores do campo e destes com a esfera de recepção midiática. Refletimos inicialmente sobre os modos pelos quais o telejornalismo dialoga com as ferramentas digitais – a partir de análise parcial do modo como o programa televisivo *Profissão Repórter* utiliza tais ferramentas. Também são tensionados dois casos sobre a afetação dos usos sociais das mídias digitais no telejornalismo: o primeiro, vinculado à repercussão de edição do programa *Profissão Repórter* sobre violência doméstica (2009); o segundo, a repercussão no telejornalismo de caso destacado nas redes sociais. Com isso, articulamos sobre as questões de circulação comunicacional, acentuadas pela convergência digital.

PALAVRAS-CHAVE Convergência; telejornalismo; circulação social; midiatização; *Profissão Repórter*.

ABSTRACT This text reflects on the affectations of mediatization on the field of journalism in the context of digital convergence, considering changes in news production, shift in the relationship of the actors in the field and with the reception. The text makes preliminary considerations on the ways in which television journalism interacts with digital tools - from partial analysis of how television program *Profession Reporter* uses such tools. Also stressed are two cases on the affectation of the social uses of digital media on the television news: the first, linked to the impact of a *Profession Reporter* edition on domestic violence (2009), the second, the impact of a case highlighted in social networks in TV journalism. Thus, we consider the issues of communication circulation, accentuated by digital convergence.

KEYWORDS Convergence; television journalism; social circulation; mediatization; *Profession Reporter*.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Especialização em Humanidades pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Unijuí.

Introdução

O processo de convergência vem acontecendo desde a segunda metade do século XX, quando tecnologias tornaram possível o “transporte” e a oferta conjunta dos mais diversos meios de comunicação, desde aqueles realizados de uma pessoa para outra (como o telefone) aos meios de comunicação de uma pessoa ou grupo para muitos (como televisão, radiodifusão, imprensa etc.). As fronteiras antes existentes entre estes meios foram se dissolvendo; as ações foram misturadas e as formas de relação das pessoas com estes meios foram se modificando. Os usos sociais das possibilidades produzidas por estas transformações transformam as formas de pensar, produzir e se relacionar com a mídia – caracterizando o processo de convergência que vivemos contemporaneamente. Com isso, há a experimentação de reconfigurações da relação com o entretenimento, informação, áreas culturais – com atuação de diferentes dinâmicas sociais, desenvolvimento de outras competências e habilidades, com implicações nos mais diversos aspectos da vida, desde a aprendizagem, aquisição de conhecimento e trocas sociais (JENKINS, 2008).

Com a convergência digital, além das condições de produção e manuseio de informação terem se ampliado, potencialmente elas podem ser ativadas por qualquer pessoa, independentemente de fazer ou não parte do campo midiático estabelecido. Além disso, a ampla difusão de inovações relacionadas às tecnologias digitais provocou mudanças na forma de acesso a conteúdos e também na forma como as pessoas usam a mídia no seu cotidiano (como leem artigos, como

veem televisão, por exemplo). “As recombinações de textos, ilustrações, fotos, sons, músicas, animações e vídeos, inerentes aos processos de remediação, desafiam aspectos cognitivos como atenção, percepção e criatividade” (RÉGIS, 2008: 33). As transformações que já vinham em curso pelo impacto das tecnologias de informação e comunicação se intensificam com as mídias sociais e com ferramentas acessadas pelos telefones móveis e *tablets*. Belochio (2012) analisa como estas mudanças estão presentes na proposta de comunicação estabelecida pelas empresas de comunicação para o público.

Neste texto tecemos considerações sobre afetações no campo do jornalismo, (1) a partir de reflexões sobre as relações entre os atores sociais deste campo; (2) observação dos modos pelos quais o telejornalismo dialoga com as ferramentas digitais, tendo em conta inferências oriundas de análise do *Profissão Repórter*²; (3) e reflexão sobre dois casos de tensionamento das relações da recepção com a mídia. Estes ângulos de análise funcionam como tensionadores das reflexões conceituais e conjunturais sobre a convergência. Embora consideremos que as iniciativas do telejornalismo sejam tímidas em ambientes digitais, observamos a ocorrência de aspectos tentativos

² Embora casos variados sejam observados, os principais aspectos destas afetações são aqui analisados a partir de *Profissão Repórter*. Trata-se de um programa de reportagem dirigido pelo jornalista Caco Barcellos, à frente de uma equipe de jovens repórteres e profissionais da emissora que atuam na edição. O programa é exibido pela Rede Globo, às terças-feiras, faixa de horário das 23h30, antes do Jornal da Globo, com duração em torno de 30min. O conjunto de inferências aqui acionado é resultado das análises desenvolvidas como parte do estudo de caso do programa *Profissão Repórter* em minha tese de doutoramento, defendida em 12 de abril de 2011. Dados da análise podem ser acionados pela referida tese.



de um relacionamento com o público, com alguma ocorrência de transformação na produção, acessibilidade e oferta de conteúdo – às quais demos relevo neste texto, de forma associada a reflexões conceituais e de contexto³.

Midiatização da sociedade e contexto de convergência

Pensamos as transformações contemporâneas em nossa relação com a mídia como parte do fenômeno social e comunicacional da midiatização, caracterizada pela participação crescente da técnica na vida cotidiana, imbricação de campos sociais e instituições com a mídia, alteração na produção, circulação, arquivamento, compartilhamento e recepção de mensagens, complexificação de processos sociais interacionais e criação de outros modelos interativos (KLEIN, 2012). A mídia e as tecnologias passam a compor a base da ação dos campos sociais e motivam interações ou

3 Em pesquisas paralelas (concluídas e em andamento) analiso os casos que aqui funcionam como tensionadores de argumentos teóricos e de análise de contextos. Sobre estas pesquisas, temos observado uma atuação tímida do telejornalismo nas redes sociais (Twitter e Facebook, especificamente), quando frequentemente as postagens se limitam ao conteúdo dos telejornais e programas de reportagem. Iniciativas mais ousadas têm sido empreendidas por repórteres, individualmente, que interagem com as pessoas através de seus perfis, divulgam fotos, pontos de vista e conversam com outros repórteres. Um exemplo é o perfil do repórter Flávio Fachel, que produziu um livro com base nos tweets com a hashtag #telejornalismo, nos quais dava dicas para pessoas que pretendem trabalhar no jornalismo na TV. Mesmo os sites dos programas televisivos são ainda tímidos na constituição de uma produção que leve em conta as possibilidades da convergência, particularmente àquelas relacionadas à combinação de possibilidades de produção de conteúdo e de diversificação do contato com o público. Como exemplo, em geral, os sites depositam o conteúdo que já foi ao ar, fragmentado e com a transcrição literal das notícias. Estes tensionamentos críticos são considerados em estudos de caso realizados à parte.

tornam-se o foco de atenção de conversas, brincadeiras, sociabilidades. Do mesmo modo, uma vez que entram num processo de circulação, os produtos midiáticos e as ferramentas tecnológicas são apropriadas, modificadas, adaptadas de diferentes formas pelos indivíduos. “Estes processos (os midiáticos) se encontram contemporaneamente, desde há um século e meio, em fase de instauração, com potencialidade crescente para conformar as interações sociais” (BRAGA, 2009: 3).

Os meios de comunicação foram diretamente afetados pelas tecnologias digitais. Inicialmente, o desafio era como compartilhar conteúdos, atuando como empresa de comunicação (DIZARD, JORGE, QUEIROGA, 1998: 35). A experimentação em função destes processos permitiu que coisas diferentes fossem produzidas para a Web, com o que se passou a pensar possibilidades diferenciadas, como a adoção de “um mesmo padrão cognitivo”, agregando características como imagem, sons, produtos audiovisuais, textos, de forma que possam ser replicados e comentados pelos usuários (SAAD, 2003). Nos anos 2000, se afirmam modos de atuação diferentes dos contatos tradicionais com os públicos do jornalismo, com impacto no conteúdo e forma de colocá-lo à disposição. Os conteúdos passam a ser “atualizáveis segundo a lógica de preferência, histórica e hipertextual de cada usuário” (SILVA Jr., 2000: 68). A ênfase no receptor vem transformando o processo comunicacional e a relação com a mídia.

Com a ampliação do acesso às informações e à produção e distribuição de conteúdos, é também incrementado o acesso à participação de pessoas na discussão do que é notícia, no oferecimento de pautas, na oferta de conteúdo (particularmente

quando se trata de testemunhas de um evento ou fato) – o que sempre existiu, ainda que limitado pelas barreiras do que socialmente se dispunha em termos de mídia. Antes das mídias digitais, o processo de entrar em contato com um meio de comunicação era mais lento e, talvez, mais restrito. Para fazer comentários, era preciso que o jornal fosse impresso e entregue para então haver o contato entre o leitor e a redação; ou que o telejornal fosse ao ar, para então o telespectador tentar entrar em contato com a redação. Para a oferta de pautas, era preciso ligar ou mandar cartas e dificilmente se obtinha alguma resposta sobre a apuração ou não da sugestão.

As possibilidades oferecidas pela associação entre a instantaneidade das mídias sociais e as tecnologias (especialmente móveis) impactam o tempo da divulgação da notícia e o tempo da produção, condicionado à cobertura dos eventos “na hora” em que os eventos ocorrem feitos pelos próprios jornalistas ou com a contribuição de pessoas comuns. “A existência destes novos processos de intersecção, reunindo fontes /jornalista/leitor (...) reformulam a concepção da autonomia sobre a qual a prática jornalística edifica seu *ethos*” (FAUSTO NETO, 2009: 27).

As mídias sociais impactam a forma como os campos sociais e seus atores fazem repercutir os acontecimentos, a partir de declarações, opiniões, argumentos, ações voltadas aos efeitos dos eventos em curso. Com a potencialidade do desenvolvimento de uma relação direta entre a fonte e quem recebe as informações, tais declarações ou falas sobre os acontecimentos podem ser (não quer dizer que sempre sejam, nem que deixem de visar o campo do jornalismo ao agir fora

dele) remetidas diretamente ao público que, até então, teria no jornalismo a referência para obter este tipo de informação. Isso indica que a relação direta entre pessoas públicas, representantes de campos sociais, artistas com seu público vem abalando o papel mediador do jornalismo – entre uma realidade, seus fatos e marcas da atualidade e o público que se informa sobre isso. E provoca uma mudança na forma como o jornalismo se relaciona com suas fontes (CASTILHO, 2011; LOPES, 2010). As mídias digitais impactam, ainda, pela necessidade da oferta de conteúdos específicos, de acordo com as potencialidades e restrições oferecidas pela web e dispositivos digitais como *smartphones* e *tablets* (BELOCHIO, 2012).

É possível acompanhar o que o público pensa a respeito do jornalismo e receber opiniões sobre assuntos a serem tratados. Estes assinantes/seguidores podem contribuir com informações sobre acontecimentos em curso e que são presenciados ou vividos por si e pessoas a sua volta. Paralelamente, os jornalistas podem acompanhar o que os demais meios de comunicação estão divulgando, o que se está deixando passar, o que está sendo noticiado que outros também estão noticiando, além da oportunidade de acompanhar notícias nacionais e internacionais, impactando a ideia de furo de notícia.

Considerando-se, por um lado, os fatos e eventos diversos e, por outro, a existência de pessoas com celulares e câmeras espalhadas em todo canto do mundo, que podem presenciar fatos a qualquer hora, gravá-los, tirar fotos e publicá-los imediatamente nas mídias sociais, observa-se que a tal dispersão e disponibilidade não haveria concorrência para o jornalismo (DEAK; MALCHER,



2011). Entretanto, estas ações não se equivalem ao fazer jornalístico. “A rede social de *microblogs*, por si só, não é jornalística, assim como todas as mídias sociais não são, sozinhas, centros informacionais” (TORRES, 2011). Outros setores sociais podem utilizar (e usam) o *Twitter* para suprir suas necessidades ligadas à informação – e que não necessariamente demandam expectativa e cobrança do jornalismo.

O jornalismo é, de qualquer modo, impactado desde questões elementares, como as estratégias para chegar ao público. Fausto Neto argumenta que o jornalismo passa a ser visto “como articulador, que agencia múltipla atividade discursiva e simbólica, deslocando-se entre vários lugares desta topo-grafia discursiva, no ambiente da midiatização” (FAUSTO NETO, 2009). Carlos Castilho (2011) visualiza este cenário como propulsor de uma reconfiguração do foco no público que lê a notícia (ao invés de focar nos demais públicos, como o econômico e o político), o que possibilitaria uma “reconstituição” do “caráter social da atividade jornalística”, pela facilidade em contatar jornalistas, a instantaneidade entre contato e resposta e a informalidade dos sites.

A produção de sentidos ocorre socialmente, ao longo de anos, com experimentação e processos tentativos. Em sociedades midiatizadas, há uma circulação social que movimenta e amplia os sentidos e a forma de contato com a mídia (BRAGA, 2011). “O avanço nos processos físicos da circulação, envolvendo nichos de produtores e leitores, repercute sobre o processo da noticiabilidade na medida em que as condições de sua gestação passam a ser o grande acontecimento das atuais rotinas jornalísticas” (FAUSTO NETO, 2009: 23).

Tensionamento de aspectos de convergência e televisão

Na emissão televisiva, o aprimoramento resultante do uso das tecnologias de gravação e transmissão de dados pode ser observado em coberturas ao vivo, que se apresentam em quantidade crescente no telejornalismo, com repórteres acompanhando a evolução de eventos em pontos de cidades, do Brasil e do mundo. A edição digital, não linear, tem possibilitado algumas mudanças nas características dos programas, como o uso de uma quantidade mais expressiva de imagens, montagem acelerada, efeitos visuais e de transição, ritmo trabalhado com recursos sonoros variados (ao invés de uma faixa de música, vários trechos, que combinam entre si e agregam características ao conteúdo imagético e textual verbal).

Neste texto, observamos as afetações da convergência no telejornalismo pelos modos como este se expande para além da televisão (em processos integrados aos modos de convergência tecnológica), como as dinâmicas sociais em função das mídias digitais e da própria televisão são difundidas, diferentes espaços de interlocução com os telespectadores são configurados.

Em estudo recente do programa *Profissão Repórter*, observamos que as iniciativas voltadas à internet estão: o site, que oferece *links* para acessar todo o material exibido na televisão, vídeos com conteúdo-extra e vídeos com informações adicionais; o *blog*, cujas postagens contêm resumo das reportagens exibidas e possibilitam que os telespectadores façam comentários (mediados); e perfis no *Twitter* e no *Facebook*, os quais ainda têm uma postura conservadora na relação

com o público. Até agosto de 2011, *Twitter* e *Facebook* apenas noticiavam o programa que ia ao ar e ofereciam *link* para que telespectadores que não puderam ver na TV assistissem pela internet; desde agosto de 2011, há iniciativas de rememoração de conteúdos, solicitação de opinião dos telespectadores e alguns questionamentos sobre pauta. Embora ainda limitados, denotam uma tentativa de reconfiguração do tipo de contato com o telespectador – atendendo expectativas do grande número de pessoas que estão vinculadas às redes sociais ou pelo menos acompanha notícias pela internet.

O uso de mídias sociais por pessoas que, ao mesmo tempo, são também telespectadoras de TV tem resultado em ajustes na forma como a televisão pensa os processos de convergência tecnológica: não basta só disponibilizar o conteúdo na *web*, é preciso acioná-lo de formas diferenciadas. No *Profissão Repórter*, a estratégia de trabalhar sobre as bases dos usos sociais de ferramentas como o *Twitter* e o *Facebook* ficaram claras pelo ingresso na equipe de uma editora especializada para o site, na tentativa de dinamizá-lo, fragmentar o conteúdo (expandindo a mera publicação de notícia e vídeo do programa exibido) e com isso obter mais possibilidades de *tweets* pelo perfil de *Profissão Repórter* e atualizações pela página no *Facebook*, resultando em incremento de contato com os espectadores.

No programa transmitido na televisão, dentre os aspectos autorreferenciais destacados, é comum que seja feita referência à pesquisa preliminar de uma matéria, recorrendo tanto a banco de dados na internet como também aos processos comunicacionais observáveis pelas redes so-

ciais. Frequentemente, a análise de perfis, *chats*, comunidades e *blogs* permite que os repórteres testem hipóteses iniciais lançadas para o trabalho jornalístico ou identifiquem possíveis fontes ou contatos para as reportagens. Como exemplo, a reportagem sobre as brigas de gangues no Distrito Federal, na qual Felipe Gutierrez e Caroline Kleinübing procuram informações sobre a localização das principais gangues, seus modos de contato, sua exposição na *web* através de perfis e comunidades.

Caco, off: os repórteres Caroline Kleinübing e Felipe Gutierrez descobrem registros de gangues na internet (imagem dos dois pesquisando em comunidades do Orkut).

Caroline: é quebrada São Sebastião. “Vai morrer tudo” é o nome desse jovem. Daí são fotos de pessoas, de jovens, com legendas de ameaças (mostra parcialmente a imagem, tendo a repórter no primeiro plano).

Caroline lê trecho de texto: muito velório rolou de lá para cá. Qual a próxima mãe que vai chorar?

Caroline, off: as fotos (de armas) da internet também são usadas em investigações policiais (efeito de transição para mesa de policial). Cerca de quarenta gangues já foram mapeadas no Distrito Federal.

Também a circulação dos temas na televisão oferece indícios para pensar as afetações da mídiatização no jornalismo, com ênfase cada vez maior para assuntos relacionados à internet (como alertas para o cuidado que crianças e adolescentes devem tomar nas redes sociais; cuidado nas



compras realizadas pela internet; crimes cometidos pela internet; vazamento de dados públicos ou privados etc.), ou temas derivados da *web* (hits, chavões, modos de comportamento dos usuários de redes sociais, consequências de crimes que se iniciaram na internet).

Ocorre a procura de fontes e personagens através das informações disponíveis na internet (repórteres do *Profissão Repórter* utilizam seus perfis do Twitter para estabelecer um contato primário com possíveis fontes ou informantes e pesquisam características diferenciadas para a busca de personagens, como o “*personal friend*” que, descoberto pela internet, foi um dos personagens da reportagem sobre oferta de serviços em domicílio, em agosto de 2009). Observa-se também a recorrência ao perfil de usuários de mídias sociais que se envolveram em algum acontecimento social, ou que foram vítimas de crimes ou acidentes.

A afetação dos complexos processos sociais associados à mídia também pressionam o surgimento de diferentes modos de produção e formas de relação com o público, cujo circuito ainda tem como eixo organizador a exibição na televisão, mas que incorpora características voltadas às transformações no ato de assistir a televisão. O uso de vídeos gravados por pessoas que não pertencem ao campo jornalístico deixou de ser complemento, curiosidade ou exceção e conquistou lugar cativo na televisão.

Em análise recente, verificamos a presença de situações cotidianas ligadas à técnica e aos procedimentos jornalísticos, que, de forma dispersa, emitiam informações sobre equipamentos, contexto de gravação, ação organizada dos jornalistas.

A autorreferencialidade⁴ midiática contribui para a criação de competências midiáticas.

Tensionamento recíproco entre espectadores e televisão

Assim como aspectos autorreferenciais engendram o Profissão Repórter, estruturando-o e estabelecendo seus padrões, também as discussões sobre o programa tratam dos aspectos autorreferenciais de forma intercalada com elementos da reportagem e seus referentes na realidade. É curioso observar como estes vínculos com a proposta do programa são também distendidos, quando a crítica sobre os processos jornalísticos associados à reportagem volta-se contra a edição e suas consequências na realidade tratada.

A relação entre telespectadores e jornalismo passa a considerar características da exibição

4 Uma apropriação original do conceito de autorreferencialidade é constituído por Luhmann (2000), que considera que o sistema internaliza o ambiente através de uma operacionalização interna, pela qual constitui uma distinção com relação ao ambiente. das marcas da produção do discurso na fala. As ciências da linguagem analisam características das marcas da fala que remetem ao falante, suas noções de mundo e o modo como organiza a própria fala. Em termos midiáticos, a autorreferencialidade é estudada por Fausto Neto, em vários textos, sendo aqui recomendado Enunciação midiática: das gramáticas às ‘zonas de pregnâncias’ (2008). Sinteticamente, a autorreferência consiste na situação que oferta não apenas um dizer sobre o que o aconteceu, mas o que foi feito para dizer, e marca, ainda, pelo menos três eixos importantes: a relação – em transformação – com o leitor, a correferência e a referência ao mundo associados à autorreferencialidade e a presença de marcas das estratégias de autorreferência contidas na mídia. (FAUSTO NETO, 2008). A isso agregamos que, em alguns momentos, a autorreferencialidade torna-se modelo organizador no jornalismo, com o desenvolvimento de dinâmicas autorreflexivas associadas aos processos de autorreferenciação, que passam a ser lançadas ao espectador.

do programa na TV e do contato na internet. Dois exemplos, no *Profissão Repórter*, são particularmente interessantes: a discussão em torno de aspectos de edição de áudio e imagens de uma edição sobre violência doméstica e uma edição especial sobre casos de desaparecidos – a partir de pessoas reconhecidas em edições do programa.

No primeiro caso, ocorre a repercussão de críticas à edição sobre violência doméstica, em que são mostrados detalhes do corpo de vítimas de agressão entrevistadas, embora haja explicação da repórter de que o rosto seria preservado. Na ferramenta da web disponibilizada para a manifestação dos espectadores, esta foi a ênfase dos comentários, que adquiriram caráter de complementaridade de uns com relação a outros e de retorno dos comentadores para observar o que havia de novidade com relação ao assunto de suas demandas.

A ação dos telespectadores resultou em respostas públicas pela equipe diretiva. Com o prosseguimento das discussões, comparando o material que foi ao ar e respostas da equipe diretiva, um vídeo foi publicado (apenas na web) explicando didaticamente as operações efetuadas para ocultar a identidade das vítimas. Como tivemos oportunidade de analisar todas as edições do programa, observamos uma mudança de estratégia na abordagem do tema violência (especialmente quanto à identificação das vítimas), numa tendência de contemplar, na gravação e edição aspectos levantados pelos espectadores.

No segundo caso, depois da reportagem sobre um catador de recicláveis ir ao ar, o homem foi reconhecido por familiar. Outra telespectadora reconheceu moradora da periferia de São Paulo

como meia-irmã, que havia sido separada do pai. Ambos entraram em contato pelo *blog* do programa e as identificações resultaram em uma edição intitulada “Reencontros” – novembro de 2009. Na edição, a reportagem dos reencontros leva em conta a edição anterior do programa, o contato dos telespectadores e uma contextualização, considerando-se ambos os aspectos, sobre a vida dos personagens. Notamos, nestes casos, como o modo de mobilizar as questões da notícia e o acionamento de recursos ao fazer a notícia repercute na circulação social.

Correlatamente, observamos como a dinâmica social, potencializada pelas mídias digitais, implica em posturas diferenciadas pelo telejornalismo. No final de 2011, uma reportagem do jornalista Marcelo Canellas sobre a greve dos professores e alunos da Universidade Federal de Rondônia foi ao ar na abertura do *Fantástico*, dois meses depois da ocupação da reitoria pelos alunos (sob a alegação de garantir que documentos que comprovariam irregularidades não fossem violados).

Durante o período em que se estendia a greve, notícias locais de Rondônia, comentários, charges, sátiras políticas se espalharam pelas redes sociais (o assunto não havia sido tematizado pelas emissoras de rede, mas uma manifestação na USP ganhava repercussão nacional diária nos telejornais, o que foi bastante criticado pelos espectadores de Rondônia e analistas de mídia). A circulação de conteúdos referentes ao episódio nas mídias sociais tensionava diretamente aspectos das práticas jornalísticas, como o questionamento dos valores notícia, tendo em conta a própria noção de notícia e o valor agregado por um estado da federação na definição da importância da cobertura.



Após a reportagem de Marcelo Canellas, o assunto da Universidade Federal de Rondônia foi politicamente encaminhado, com o resultante afastamento do acusado. Este caso permite-nos observar como interações voltadas intencionalmente na direção da mídia também mobilizam a mídia – e impactam decisões políticas. A forma de contar uma história tende a promover alterações na própria história. Muitos exemplos podem ser significativos para a análise deste tipo de situação. Os pedaços em branco no jornal para evidenciar a censura contavam histórias sem contar história nenhuma (BRAGA, 1991). Em compêndio de trabalhos que analisam o jornal desde a perspectiva do dispositivo, compreendemos como formato, disposição, texto, fontes, estilo de redação, características de produção, formas de circulação e leitura atravessam as significações produzidas pelo jornal (PORTO, 1997). As transformações na forma de contar os fatos da atualidade pela popularização e pelo desenvolvimento de uma variada gama de usos sociais das mídias digitais mudam também o tipo de conteúdo, como o caso da Universidade Federal de Rondônia.

O caso de Rondônia não circulou nas mídias sociais apenas na forma de relatos, fotos, charges, notícias. Circulou na forma de crítica midiática, pelo tensionamento à “mídia tradicional”, de grande público, cuja centralidade dos valores-notícia está associada a regiões específicas do Brasil. A reportagem no *Fantástico* foi seguida por outras, no *Jornal Nacional*, em revistas e grandes jornais. O tensionamento dos espectadores à pergunta “o que é notícia?” enfatiza um traço das afetações do jornalismo pela midiatização. “O jornalista já não é mais soberano no trabalho

de produção da notícia. (...) Fontes investem em operações e regras, pondo em xeque a regência unilateral do ato jornalístico de produção da realidade” (FAUSTO NETO, 2009: 20).

Aspectos conclusivos

A convergência tensiona o jornalismo não apenas pela necessidade de estabelecer uma confluência entre produções que antes caracterizariam “meios de comunicação” distintos, mas também porque demanda a reconfiguração das características de produção e circulação de informações e da relação estabelecida com a recepção (JENKINS, 2008; RÉGIS, 2008). O acesso a informações, captação de dados, tecnologias para produção e circulação de conteúdos tendem a pressionar os tempos e os modos de produção jornalística. Além disso, como socialmente são experimentados novos usos de tecnologias que antes eram restritas aos grupos midiáticos, o jornalismo é diretamente tensionado quanto ao modo como vai ofertar informação de forma diferenciada que todas as outras pessoas que dispõem de algum meio de registro e conexão com a internet.

“O uso de processos tecnologicamente acionados para a interação já não é mais um ‘fato da mídia’ (campo social) – assim como a cultura escrita não é um fato das editoras, dos autores e das escolas, exclusivamente” (BRAGA, 2011: 12). Não sendo restritos à mídia tais processos interacionais também repercutem sobre o campo midiático – já que também este campo, como os demais, é permeado pelos circuitos sociais. Os processos autorreferenciais partem de complexas dinâmicas

de relacionamento entre mídia e recepção e da difusão de tecnologias que permitem a operacionalização de recursos de registro –fotográfico, audiovisual, ou escrito. Um público que “usa” mídia no seu cotidiano, que baseia as suas interações na existência da mídia pressiona por conhecer os modos como essa mesma mídia é produzida.

A experimentação tentativa igualmente se mostra na ação dos campos sociais constituídos, tal qual o jornalismo, o que podemos observar tanto pelas características experimentais do programa descrito, o *Profissão Repórter*, como pelo tipo de repercussão observado no caso referido e o modo como a equipe responsável pelo programa trabalhou com as consequências não controladas da circulação. É interagindo na mesma ferramenta que a equipe se manifesta, num primeiro momento na forma de resposta oficial, depois, retrabalhando o próprio produto: pela explicação didática dos recursos de edição num material audiovisual adicional. Agem, acionando as lógicas do campo social midiático, em circuitos que extrapolam as dimensões do campo: tanto no tipo de acionamento dos recursos de produção audiovisual e de tensionamento de aspectos autorreferenciais, como na atividade relacional com espectadores em temporalidades e espacialidades além da emissão televisiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

_____. Midiatização: a complexidade de um novo processo social. *IHU online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo*, 13 de abril de 2009. Edição 289.

_____. *Mediações e Mediatização. Circuitos versus Campos Sociais*. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

BELOCHIO, Vivian de Carvalho; ZAGO, Gabriela. *O Pro-Am como estratégia jornalística no Twitter: Apontamentos para discussão. Estudos em Jornalismo e Mídia*. Volume 7 Nº 2 • Julho a Dezembro de 2010.

BELOCHIO, Vivian de Carvalho. *Jornalismo em contextos de convergência: implicações da distribuição multiplataforma na ampliação dos contratos de comunicação dos dispositivos de Zero Hora*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Defendida em 23 de julho de 2012.

CASTILHO, Carlos. Twitter pressiona uma mudança no foco da atividade jornalística. *Observatório da imprensa*. 24/05/2011. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/view/twitterpressiona-uma-mudanca-no-foco-da-atividade-jornalistica>> Acesso em Jul 2011.

DEAK, Andre; MALCHER, Andressa. *@belemtransito: o Twitter na hora do rush*. *Jornalismo Digital*. Publicado em 09 de novembro de 2011. <http://www.jornalismodigital.org/2011/11/belemtransito-o-twitter-na-hora-do-rush/>.

DIZARD Jr, Wilson; JORGE, Edmond; QUEIROGA, Tony. *A nova mídia. A comunicação de massa na era da informação*. Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.

FAUSTO NETO, Antonio. *Enunciação midiática:*



das gramáticas às 'zonas de pregnancies'. Seminário Midiatização e Processos Sociais - Aspectos Metodológicos. São Leopoldo: Unisinos, 2008c.

_____. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. Revista *Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Fábio Fernando. A metadiscursividade em entrevista televisiva e suas correlações com as estratégias argumentativas. *Estudos Lingüísticos*. N. XXXV, 2006. p. 782-791.

JENKINS, Henry. 'O jovem é o guardião da cultura'. Entrevista a PORTO, Bruno. *O Globo*. Publicado em 25/05/2010. Disponível em <http://oglobo.globo.com/megazine/henry-jenkins-jovem-o-guardiao-da-cultura-3002904>.

_____. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. *Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Defendida em 12 de abril de 2012.

LOPES, Flávia Valério. *A reconfiguração dos veículos tradicionais de informação frente à popularização das mídias sociais*. Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

LÜDTKE, Sérgio. *Como o Twitter mudou o jornalismo*. Disponível em: <<http://interatores.wordpress.com/sobre-interatores>>. Acesso em Jul 2011.

LUHMANN, Niklas. *Essays on self-reference*. New York: Columbia University Press, 1990.

_____. *The reality of the mass media*. Stanford, California: Stanford University Press, 2000.

PORTO, Sergio Dayrell (org). *O jornal, da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: UNB, 1997.

RÉGIS, Fátima. Tecnologias de comunicação, entretenimento e competências cognitivas na cibercultura. Dociê ABCiber. Revista *Famecos*. Porto Alegre nº 37 dezembro de 2008.

RICOUER, Paul. *Interpretation theory: discourse and the surplus of meaning*. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1976.

SAAD, Beth. *Estratégias para a mídia digital: Internet, informação e comunicação*. São Paulo: Senac, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Os impactos das novas mídias sobre a cultura. In VILLARES, Fábio (org.). *Novas mídias digitais (audiovisual, games e música): Impactos políticos, econômicos e sociais*. Rio de Janeiro: Editora e-papers, 2008.

SILVA JR, José Afonso. *Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo (Dissertação de mestrado)*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2000.

SOBRAL, Cláudia. *Twitter: uma nova ferramenta para os jornalistas*. Publicado: 03.02.2009. Disponível em <http://jpn.icicom.up.pt/2009/02/03/twitter_uma_nova_ferramenta_para_os_jornalistas.html> Acesso em 2010.

TORRES, Cleyton Carlos. *A vez do Twitter no jornalismo*. Observatório da Imprensa. 01/02/2011, edição 627. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_vez_do_twitter_no_jornalismo>. Acesso em 2011.

_____. *Imprensa: Jornalismo de Twitter não é jornalismo*. Jornal de Sobradinho. 21 Set

2011. Disponível em: <<http://webjornalismo.blogspot.com/search/label/Twitter>>. Acesso em out 2011.

CASOS MIDIÁTICOS

Profissão Repórter. *Profissão Repórter*. Programa de televisão. Todas as edições do programa disponíveis em: <<http://g1.globo.com/platb/programaprofissaoreporter>>. Acessos entre 2006 e 2011.

CANELLAS, Marcelo. O misterioso sumiço de verbas de uma universidade federal. Reportagem. *Fantástico*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BJYaF_cE7Sc&feature=related>. Acesso em 2011.

AGÊNCIA ESTADO. *Reitor da Unir renuncia após 70 dias de greve estudantil*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/reitor-da-unir-renuncia-apos-70-dias-de-greve-estudantil.html>>. Publicado em 23/11/2011.

**Aspectos da incidência da convergência no telejornalismo:
análise de fragmentos de casos do contexto brasileiro**

Eloisa Joseane da Cunha Klein

Data do Envio: 25 de setembro de 2012.

Data do aceite: 18 de dezembro de 2012.

